

A revista *Estilos da Clínica* apresenta a segunda parte do dossiê ‘Escritas’.

‘Escritas’ trabalha com a noção de escrita, neste e no volume 24, em duas ordens diferentes: a escrita inconsciente, psíquica, marca/cifra do acontecimento subjetivo; e a escrita alfabética, acontecimento lingüístico relativo ao ato de escrever. A intenção fundamental desse trabalho é a de marcar os pontos de convergência e divergência entre essas duas ordens de escrita.

Escrita alfabética e inconsciente se dão em planos topológicos diferentes. Se, para muitos – ainda que não pra todos –, a escrita alfabética é um objeto que deve ser apreendido na ordem do conhecimento, a escrita inconsciente, por sua vez, aproxima-se de uma cifra que não se organiza como texto, é tecida na ordem da letra; letra que cifra o gozo, litoral entre Real e Simbólico.

Todavia, tais planos topológicos se relacionam. A escrita alfabética, fato de linguagem, pode apresentar-se como um plano de impacto do sujeito do inconsciente. Como se dá esse jogo? Alguns artigos vão discutir, a partir da clínica, a inibição e o sintoma na escrita, considerando, para tal, a escrita na ordem significante e pulsional. Nessa ordem, a escrita é ato.

Escrever pode assumir o caráter de ato na medida em que “tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito” (Lacan, 2003, p. 371)¹. Na literatura há vários testemunhos de escritores que se entendem modificados por sua obra, no giro de sua confecção. Cito André Groz: “A magia da literatura: ela me dava acesso à existência na medida em que eu tinha me descrito, *escrito*, na minha recusa de existir. Aquele li-

vro era o produto da minha recusa, *era* essa recusa, e por sua publicação, me impedia de perseverar nessa recusa” (p. 44)².

E fora do fazer artístico, a escrita pode cumprir a função de instaurar diferença entre o antes e o depois daquele que escreve? Não seria essa a razão de seu funcionamento inibido?

Para desfazer o curto circuito simplista entre as duas ordens de escrita, a noção de letra apresenta-se como um operador conceitual fundamental. Desse modo, outros autores exercitam-se nessa discussão no eixo da teoria psicanalítica bem como na relação da psicanálise com a pesquisa e com a ciência. A tensão que se instala entre esses termos inscreve um campo para o trabalho.

Nesta edição, apresentamos os trabalhos de Claudemir Belintane, Sonia Borges, Eduardo Calil e Cristina Felipeto, Suzana Carielo da Fonseca e Lúcia Arantes, Luciano Elia, Ana Beatriz Coutinho Lerner, Mariana Soares Melão, Maria Cristina Poli, e um artigo de minha autoria.

Estilos recolhe diferentes abordagens da temática da escrita nos campos teórico e clínico, bem como em sua articulação ao discurso social. São artigos que avançam porque fazem trabalhar as noções de letra e escrita e, apostamos, ao encontrar com o leitor, sustentam um retorno rigoroso à clínica.

BOA LEITURA !

Ilana Katz Zagury Fragelli

Doutoranda da Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo

(Lepsi IP/FE-USP).

1 Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 371-379). São Paulo: Jorge Zahar Editor.

2 Groz, A. (2008). *Carta a D.: História de um amor*. (C. Azzan Jr., trad. e notas). São Paulo: Annablume/Cosac e Naify.